

AUTOR

**Fabiana Maria
Gama Pereira***

gamapereirafabiana@
gmail.com

* Pós-Doutoranda
em Antropologia.
Universidade Federal de
Pernambuco (UFPE)

Invisibilidades e Esquecimentos: a obra de Thales de Azevedo e sua importância para a Antropologia Nacional

La invisibilidad y el olvido: el trabajo de Thales Azevedo y su importancia para la antropología nacional

Invisibility and Forgetfulness: Thales Azevedo's work and its importance in Brazilian Anthropology

RESUMO

No cenário de institucionalização do campo da Antropologia brasileira, percebe-se que alguns personagens se destacaram muito mais do que outros, os quais, em alguns casos, chegaram a ser mesmo excluídos e, portanto, completamente "apagados" dessa história. Thales de Azevedo é um exemplo, dentre outros tantos, que injustamente vêm sendo cada vez menos mencionados nos meios acadêmicos, no entanto sua obra é merecedora de destaque por diversos motivos, entre eles, a diversidade de temas que tratou. Entre os anos de 1960 e 1980 Thales sistematizou seus estudos sobre rituais que merecem realce em especial, por se diferenciarem das análises clássicas, que se fundamentaram em torno das grandes categorias como: sacrifício, prece, reciprocidade, magia, etc. Thales de Azevedo passou a tratar de outros grupos de ritos: o namoro, o noivado e o próprio flirt fazem parte dos seus estudos. O objetivo deste trabalho é mostrar através de parte do material que Thales escreveu, o quanto sua obra tem importância no cenário da antropologia brasileira, tentando articular esta discussão às questões mais amplas relacionadas com a invisibilidade de certos autores e obras no cenário nacional.

RESUMEN

Dentro del escenario institucionalizado de la Antropología brasileña, se percibe que algunos autores destacan mucho más que otros, llegando algunos de ellos a ser directamente excluidos en algunos casos y, por tanto, "borrados" de esa historia. Thales de Azevedo es un ejemplo, de entre otros tantos, que injustamente viene siendo cada vez menos mencionado en los medios académicos y, sin embargo, su obra es merecedora de mención por diversos motivos, entre ellos por la diversidad de temas que trató. Entre los años 1960 y 1980 Thales realizó sus estudios sobre rituales, los cuales se diferencian de los análisis clásicos, que se fundamentaban en torno a grandes categorías como sacrificio, oraciones, reciprocidad, magia etc. Thales de Azevedo pasó a tratar otro tipo de ritos: el enamoramiento, el noviazgo y el propio flirt forman parte de sus estudios. El objetivo de este trabajo es mostrar, a través de parte del material que Thales escribió, cuán importante es su obra en el escenario de la antropología brasileña, intentando llevar con esta discusión a cuestiones más amplias relacionadas con la invisibilidad de ciertos autores y obras en el escenario nacional.

ABSTRACT

Within the institutionalized setting of Brazilian Anthropology, it seems that some authors are more to the forefront than others. Some have even been excluded, and therefore thoroughly "erased" from history. Thales de Azevedo is an example, among many others, of a figure who has undeservedly become less and less mentioned in academic circles. Nevertheless, his works deserve recognition for many reasons, one of them being the diversity of topics he addressed. From 1960 to 1980, Thales systematically ordered his studies on rituals, something to be emphasized in particular, since they differ from the classic reviews based on the broad categories of sacrifice, prayers, reciprocity, magic, etc. Thales de Azevedo started to focus his attention on other types of rituals: courtship (dating), engagement and flirting itself came to form part of his studies. The purpose of this study is to show through part of his work how important his works are to Brazilian anthropology, and to try to link this discussion to broader issues related to the invisibility of some authors and works in the national scenario.

1. Introdução

A partir de uma pesquisa de pós-doutorado, cujo projeto se intitula *A geopolítica acadêmica da antropologia da religião no Brasil. Ou como a província vem se submetendo ao leito de Procusto*¹, foi realizado um levantamento a respeito do processo de institucionalização da Antropologia brasileira, cuja história passou a ser contada, em grande parte, a partir do ponto de vista de intelectuais que estão vinculados a instituições localizadas no Sul e Sudeste do país, havendo uma quase exclusão da produção dos que estão no Norte e no Nordeste. A partir de um trabalho de campo realizado em Pernambuco, Bahia e Pará houve a oportunidade de entrevistar cientistas sociais que, por sua vez, mencionavam nomes de intelectuais de grande importância na Antropologia feita nestas regiões, mas que, no entanto, muitos não figuram em livros de referência que narram a história da disciplina².

Um dos mestres que vem sendo cada vez mais invisibilizado é Thales Olympio Góes de Azevedo³. Nascido no Nordeste, no estado da Bahia, em 1904, ele foi um intelectual que produziu bastante, tendo ocupado cargos importantes ao longo de sua trajetória profissional. Entre 1960 e 1980, sistematizou seus estudos sobre rituais que merecem destaque especial, primeiramente por se diferenciarem dos clássicos que se fundamentaram em torno da análise das grandes categorias, como: sacrifício, prece, reciprocidade, práticas mágicas, etc. Thales se destacou, entre outras coisas, pela sensibilidade para explorar o ousado e o inovador para sua época, temas que não eram até então tratados pelas Ciências Sociais no Brasil. Trouxe o cotidiano para a pesquisa antropológica, mostrando o quanto há de simbologias e significados presentes nas atividades do dia-a-dia. Através do mais inusitado e do aparentemente banal, chamou a atenção das regras e ritos que ordenam o comportamento humano, como bem aponta DaMatta:

Thales de Azevedo conseguiu desfamiliarizar o familiar com tranquila maestria, revelando o familiar pela jornada antropológica do estranhamento, num objeto insólito no sentido de ser revelador não só dele mesmo, mas de toda a sociedade a que serve como um instrumento aparentemente tão modesto e sem importância (DaMatta, 2004: 17).

Tomando a parte da obra de Thales de Azevedo como modelo para pensar sobre o processo de invisibilidade que atinge em maiores proporções aqueles intelectuais que estão fora do eixo Sul e Sudeste do Brasil, o objetivo desse trabalho é contribuir para o debate nacional, mostrando o quanto este processo, de invisibilidade, é empobrecedor, principalmente porque limita as possibilidades de uma discussão mais ampla sobre a diversidade e a riqueza presentes nas produções dos intelectuais que estão nas diferentes regiões do Brasil.

2. Rituais na obra de Thales de Azevedo

Anoção e o conceito de campo ritual não é novidade, é um clássico que aparece com o surgimento da Antropologia no Ocidente, cujas análises iniciais estiveram relacionadas, sobretudo com o âmbito religioso (Durkheim, Mauss, Hubert e Mauss, Tuner, Mary Douglas, etc.). Manter um debate sobre um tema clássico e tão estudado parece ser repetitivo, no entanto, é aí que Thales de Azevedo se diferencia, por ter sido um dos primeiros antropólogos brasileiros a dar um destaque especial aos *rituais do cotidiano* e através dos quais analisou a sociedade de sua época⁵. O namoro vai aparecer pela primeira vez na sua obra durante uma comunicação na Universidade de Wisconsin, Madison, USA em 1960⁶. Embora se tratasse de um tema aparentemente irrelevante para as Ciências Sociais da época, o autor abordou os ritos do afeto, parecendo prever a importância desta temática no futuro.

PALAVRAS-CHAVE
Antropologia brasileira; Thales de Azevedo; rituais, invisibilidade

PALABRAS CLAVE
Antropología brasileña; Thales de Azevedo; rituales; invisibilidad

KEYWORDS
Brazilian anthropology; Thales de Azevedo; rituals; invisibility

Recibido:
15.12.2014

Aceptado:
25.02.2015

Dedicando o ensaio a sua esposa e única namorada, em *As regras do namoro à antiga* (2004), abordou o *flirt*, o namoro e o noivado enquanto categorias rituais e, como tais, repletos de simbologias e sentidos culturalmente determinados. Embora o tema central seja o namoro à antiga, é a partir dele que o autor vai tecer uma análise da sociedade de sua época. O ensaio é bastante rico, há uma pesquisa histórica que vai tratar da descrição do processo social pelo qual o namoro passou de “arranjado” para o amor romântico no século XIX. Esta passagem, ao amor romântico, vai caracterizar uma sociedade mais individualista, menos calcada no sentimento social, coletivo e familiar. Ou seja, a escolha do(a) namorado(a) já não era feita pelos genitores, mas pelos interessados, independentemente do desejo dos pais.

O namoro é analisado como um sistema complexo e dinâmico, composto por fases e sequências, cada uma, por sua vez, com suas normas e regras, que acompanham as mudanças sociais (Azevedo, 2004: 131). O *flirt* seria uma etapa anterior ao namoro, definido como uma espécie “namoro inofensivo”, um namoro sem consequências, mas que na definição de Olavo Bilac, em obra de 1906, poderia não se limitar “ao exercício da palavra e do olhar: às vezes, vai um pouco mais longe, até o beijo, passando pelas estações intermediárias do aperto de mão e do roçar de pé” (Azevedo, 2004: 100). Mas, as regras do namoro não se limitavam ao comportamento do casal, impregnavam as condutas dos familiares, dos empregados da casa, dos amigos e até dos vizinhos. O papel destes, sobretudo destas, das vizinhas, era de muita importância para o casal, mas, sobretudo, para a família, que aguardava seu veredicto. Uma espécie de “fiscal do namoro” e “informante da família”, era ele(a) quem classificava o namoro segundo as categorias existentes: “namoro escandaloso”, “namoro direito”, “namoro sério”. Sua palavra era como uma sentença que poderia ser favorável ou não ao relacionamento: “Não beije no portão, o amor é cego, mas o vizinho não” (Azevedo, 2004: 122).

Um bom vizinho está na obrigação de informar; de avisar dos namoros, proximidades suspeitas, tomando informações, ajudando a acabar o namoro ou fazendo-o noivado, em face das boas notícias levadas ao vizinho (Azevedo, 2004: 122).

Para não ser fiscalizado, muitas vezes o encontro do casal se dava durante a missa. A igreja era um local apropriado, pelo próprio ambiente que remetia à pureza e à santidade e, naquela época, também inspirava *flirts* e namoros: “há por aqui uma novidade na gíria, o verbo ‘grelar’. Corresponde a flirter, ou namorar com os olhos, tome nota” (Azevedo, 2004: 114).

O autor vai descrever uma série de rituais que envolviam o namoro, como as *cartas* e as *declarações de amor*, chamando a atenção para a questão de gênero presente. Geralmente, quem se declarava era o homem, que deveria ter um papel ativo, e até exagerado, na maneira de expressar seus sentimentos⁷. A mulher, por sua vez, deveria ficar mais resguardada, não demonstrar seus afetos, até que de fato se casasse e, muitas vezes, era aconselhada a demonstrar quase um desinteresse. Ser passiva, de comportamento recatado e cauteloso, ela tinha que mostrar equilíbrio, seja na forma de manifestar suas emoções, nos próprios gestos, na maneira de se maquiar, na indumentária, penteado, etc. Para todos estes códigos havia uma regra específica que deveria ser cumprida.

A passagem do namoro ao noivado também foi objeto de atenção do autor como uma etapa bastante significativa e marcada por regras não só para os futuros cônjuges, mas para as famílias. Nas famílias mais abastadas, se tratava de um acontecimento público, digno de notas no jornal e/ou de cartas a amigos e parentes. Havia uma série de rituais que acompanhavam esta passagem, a começar pelo pedido da mão e pelos anéis de noivado. Na classe média e alta brasileira, o valor das alianças de noivado estava presente na qualidade e tipo de joias, se de ouro, de brilhante, mas, além disso, estava associado a signos de classe e de posição social. Simbolicamente, o noivo demonstraria à família e à sociedade, o padrão de vida a ser proporcionado a sua futura esposa. Neste sentido, nos mostra Azevedo, que havia uma tendência para que os homens se casassem com mulheres status econômicos inferiores aos seus, isto também acontecia com relação ao nível educacional, no que se refere ao gênero⁸.

Durante muito tempo a mulher teve que se resguardar ao lar; seu objetivo era conseguir um

homem para contrair matrimônio, caso contrário “ficaria para titia” e o ser “solteirona” era considerado o pior dos destinos, um verdadeiro castigo, uma praga. Aí, a virgindade feminina jogava um papel importante, perdê-la seria estar ameaçada para o resto da vida, motivo inclusive de anulação judicial do matrimônio. Para garantir a “pureza” das moças, muitas chegavam a ser confinadas em conventos, sob os cuidados das freiras, costume que o autor relata como vindo de Portugal e que muitas brasileiras de famílias ricas foram mandadas para os conventos deste país entre os séculos XVII e XVIII. Este costume seria tanto para resguardar a virgindade da moça, como para as moças perdidas e acusadas de adultério (grifo do autor)⁹.

Essas mocinhas e mulheres ali ficavam por tempo indefinido, completamente segregadas, sujeitas a um duro regime de prendas domésticas, de lições de catecismo e de moral, até que seus pais ou maridos as quisessem retirar. Ficavam presas não somente por força do regime como também pela arquitetura: ali não havia nem locutórios, parlatórios, tribunas ou janelas para fora, através das quais pudessem as internas comunicar-se com quem quer que fosse (Azevedo, 2004: 171).

Na visão do autor, as regras presentes nos diversos ritos que envolviam o namoro à antiga foram instituídas com propósitos que, naquela época, serviram a um projeto de família. A busca pela manutenção do *status* e pelo padrão familiar, fez com que houvesse certa rigidez nessas regras, embora tenham se modificado bastante ao longo dos anos. As regras serviam para manter os costumes, a tradição, era por meio delas que havia um controle, sobretudo no que se refere à mulher. Com a modernização das cidades e a própria mudança na arquitetura das casas, a construção de apartamentos, de espaços públicos, como praças e cinemas, passa a haver também uma mudança significativa na maneira de namorar.

O tema das mudanças na sociedade, associadas aos ritos do namoro e do casamento não param nesse ensaio. O autor publica artigos e crônicas em revistas e no jornal *A Tarde* falando do assunto (Azevedo, 1993). Em 1995, afirma que embora as mudanças sociais tenham afetado bastante as

formas de vivenciar os ritos do afeto, muitos jovens gostariam de voltar a viver este amor romântico, o que, segundo ele, pode ser comprovado nas classes médias e altas da sociedade brasileira, que cada vez mais buscam a tradição nos cerimoniais do casamento: “Nenhuma outra cerimônia exige e dar lugar no Brasil a mais luxo, a requintes de ostentação, consumo de ostentação em vestuário, penteados, chapéus femininos, gravatas, quanto possa evidenciar ou aparentar extremos de elevados status (Azevedo, 1994).

Influenciado pelas ideias de Herskovits, que vão tratar da função do cerimonial, em unir pessoas e fortalecer os laços afetivos, Thales de Azevedo diz em *Ciclos da vida, ritos e ritmos*

(...) que ritos e cerimônias servem para manter vivo o sentimento de pertença a um grupo, conservar a adesão aos seus modos coletivos, para unir mais estritamente seus membros e para afirmar e reforçar sua significação e sua estrutura. Além disso, as insígnias, os trajes cerimoniais, as solenidades mantêm a distância entre os dirigentes e o público e a hierarquia, que é a base da organização do grupo (Azevedo, 2004: 312).

Nesta mesma obra, *Ciclos da vida, ritos e ritmos*, afirma que, assim como a vida biológica, que de alguma maneira é constituída por padrões físicos que se repetem, como choros, risos, fome, sede, medo, os ritos sociais são ações moldadas por regras, normas e costumes dinâmicos, portanto, mutáveis, que são transmitidos através do tempo de geração a geração. O autor deixa claro que muito ainda falta a ser pesquisado sobre os ritos do afeto tanto na nossa sociedade quanto em outras culturas, chamando a atenção para a importância de pesquisas antropológicas que também abordem temas que façam parte do cotidiano.

3. (In)visibilidades e Esquecimentos

Conforme foi referido na introdução deste artigo,

a obra de Thales de Azevedo é uma das primeiras no Brasil a tratar dos rituais presentes em nosso cotidiano e é com ela que nos apoiamos para questionar a invisibilidade que afeta a este e a outros tantos cientistas sociais, principalmente aqueles que estão regionalmente localizados em instituições do Norte e do Nordeste. Em relação ao antropólogo em questão, pode-se perguntar o que justifica que um intelectual de seu porte, que publicou uma quantidade significativa de crônicas, de artigos e de livros, inclusive um sobre a História das Ciências Sociais na Bahia, que foi professor e um dos fundadores da Faculdade de Filosofia da Bahia, além de professor visitante em várias universidades no exterior, seja excluído de tal forma, que seu nome e a própria experiência baiana esteja ausente de um livro como o de Sérgio Miceli (1989) que pretende abordar a história das Ciências Sociais no Brasil?

A partir de análises dos balanços produzidos pela ANPOCS (1995 e 2010), Reesink e Campos (2011), perceberam que há uma “exclusão explícita de toda a produção de estudos sobre religião cuja localização institucional esteja na ‘província’” (Reesink & Campos: 2011: 1; grifos das autoras). Questionando-se como isto é possível, se deram conta de que este processo não se dá somente no campo da Antropologia da Religião, mas perpassa a Antropologia como um todo, chegando às Ciências Sociais. As autoras afirmam que a história das Ciências Sociais e da Antropologia

(...) vem sendo contada do ponto de vista do eixo centro-sul, através de livros, coletâneas e artigos publicados em revistas de alcance nacional, com maior sistematicidade a partir da década de oitenta do século 20, atingindo seu ápice na primeira década deste século, através de inunções realizadas pela ABA e ANPOCS (Reesink & Campos: 2011: 3).

Como obras que narram o mito das Ciências Sociais brasileiras, citam: *Sobre o pensamento antropológico* (Roberto Cardoso de Oliveira 1988 [1985]), *História das Ciências Sociais no Brasil* (organizado por Miceli, em 1989), *As assim chamadas Ciências Sociais brasileiras* (organizado por P. Birman e H. Bomeny, em 1991), *O que ler na Ciência Social brasileira (1970-1995)* (organizado por Sergio Miceli, em 1991), *Uma Antropologia no*

plural (Peirano, 1992), *O campo da Antropologia no Brasil* (organizado por Trajano Filho e Ribeiro, em 2004), e *Horizontes das Ciências Sociais brasileiras* (organizado por Martins e Duarte, em 2010). Segundo elas, são obras que afirmam e reafirmam a história das Ciências Sociais e da Antropologia sob o ponto de vista de quem está no sul do Brasil.

Através da leitura dessas obras, chegaram à conclusão de que, ao invés de uma análise da diversidade presente nas diferentes produções antropológicas realizadas no Brasil, nota-se que há uma espécie de *clivagem regional* através da qual se pensam as *estratégias político-acadêmicas* (Reesink & Campos: 2011: 4). Nesse sentido, as Ciências Sociais brasileiras são descritas como

(...) projeto acadêmico, nacional, científico, institucionalizado e moderno – “naturalmente” encontrado e realizado no eixo centro sul; em contraposição a um não-projeto anti-acadêmico, provinciano, impressionista, não institucionalizado e tradicional, estando sempre à reboque do primeiro, encontrando seu locus, com mais evidência, no eixo Norte-Nordeste (Reesink & Campos: 2011: 5).

Complementando as análises das autoras Reesink e Campos, é o próprio Miceli (1989) quem vai argumentar sobre os privilégios que são concedidos às universidades que se encontram nas regiões sul e sudeste do Brasil. Como modelo, a Universidade de São Paulo (USP) seria para o autor a instituição mais completa pensada por intelectuais brasileiros e europeus. Antes mesmo de Miceli publicar *A História das Ciências Sociais no Brasil*, Freyre, em 1970, faria uma crítica ao que vinha sendo rigorosamente defendido por certos cientistas sociais no que se refere aos padrões da pesquisa científica. Para Freyre, mais que generalizações objetivas, a pesquisa social deveria valorizar, sobretudo as produções locais, mencionando aí os nomes de dois antropólogos nordestinos, o pernambucano René Ribeiro e o baiano Thales de Azevedo:

O Brasil, êste deve ao Professor Thales de Azevedo, como a outros cientistas sociais de hoje – um René Ribeiro, dentre os também antropólogos – contribuições valiosas para o

esclarecimento de aspectos peculiares a uma sociedade e a uma cultura que precisam ser estudadas e interpretadas considerando-se essas peculiaridades; e não simplesmente aplicando-se à situação brasileira teorias e métodos de outras origens e de validade condicionada de suas origens. Não há exageros em estirmos algumas dessas contribuições como valiosíssimas para esse seu alto valor concorrendo o fato de serem estudos desprendidos daquele ideologismo mais ou menos sectário que vem prejudicando outros estudos sociais, de pesquisadores brasileiros, também modernos. No Professor Thales de Azevedo, o espírito humanista científico vem se sobrepondo a idealismos deformadores ou perturbadores da independência, da objetividade, da idoneidade do genuíno pesquisador social; ou do mestre de ciência social fiel à sua missão de educador ou de orientador da mocidade universitária, que é há anos, em proveito do seu Estado e do seu País. Não que se tenha de dizer dele que, como mestre e pesquisador, mantém aquela fria neutralidade, aquela indiferença quase álgida a valores, aquêlê cientificismo hirto que são o extremo oposto aos ideologismos absorventes... não creio que exista hoje, no Brasil, cientista social consciente da sua responsabilidade intelectual que não se sinta no dever de homenagear, num mestre como Thales de Azevedo, virtudes que toda geração de intelectuais brasileiros, especializados nas chamadas Ciências do Homem, consideram indispensáveis aos cultores das mesmas ciências, do seu ensino, à sua consolidação num ramo de conhecimentos que, ao seu valor, além de científico humanístico, juntam a importância que começam a ter, no nosso como noutros países, para o esclarecimento de homens públicos, líderes industriais, líderes religiosos, educadores, como guia de atividades práticas de interesse nacional” (Freyre, 1970: 18-19).

Prefaciando *As Ciências Sociais na Bahia* (1983), Freyre aproveitou para chamar a atenção dos intelectuais do Sul, para a obra de Thales de Azevedo, apontando para a exclusão daquilo que é produzido no Norte e no Nordeste:

(...) é preciso como baiano, nordestino, brasileiro do Norte, Thales de Azevedo vença de todas as barreiras sulistas a esses reconhecimentos. O que não se diz de modo emocionalmente ressentido. E sim à base de desapareços, que vem ocorrendo da parte de publicações de cultura editadas no Rio de Janeiro, em São Paulo, em Brasília, por atividades de origens norte brasileiras, que vêm apresentando marcante interesse pan nacional (Freyre, 1984: 6).

Mas, para Miceli

(...) a ciência social enquanto tal constituiu uma ambição e um feito paulista, podendo-se associar tal orientação acadêmica a uma postura de neutralidade doutrinária em relação a política prática e de certa distância dos círculos e instituições onde estava se dando o treinamento dos futuros profissionais da política em São Paulo (Miceli, 1989: 15).

É possível perceber, a institucionalização das Ciências Sociais no Brasil se associa à construção de uma sociedade moderna cujo reflexo desta modernidade é apontado nas regiões sul e sudeste, sobretudo em São Paulo que para o autor acima referido “foi praticamente o único espaço institucional em que se constitui algo próximo ao que se poderia chamar de elite propriamente intelectual” (Miceli, 1989: 89). Pode-se afirmar que há um processo de invisibilidade acadêmica da produção norte-nordestina por parte de uma “elite intelectual” que conta a história das Ciências Sociais e, particularmente, da Antropologia, e isto se reflete num desequilíbrio que privilegia alguns e exclui muitos outros. Através das análises de certas narrativas sobre a história das Ciências Sociais no Brasil (em particular na obra de Miceli), se comprova que a produção dos autores que fazem parte do Norte e do Nordeste do Brasil, se encontra às margens da Antropologia brasileira, como é o caso de Thales de Azevedo. A história das Ciências Sociais brasileira vem sendo contada por autores que vão tratar do que é produzido nas regiões sul e sudeste como o retrato da Antropologia nacional e que é publicada como a história da nossa disciplina, é também a que é contada em sala de

aula aos alunos, é a que se exige em concursos para docentes, passando a ser repetida, afirmada e reafirmada por muitos como a *história das Ciências Sociais e da Antropologia brasileira*. Mas, pode-se falar em uma Antropologia brasileira? Ao considerarmos um único modelo, se exclui o que há de diversidade e riqueza na nossa produção, como dizem Reesink e Campos (2011). Podemos nos perguntar: será que faz tanta diferença ser antropólogo no Norte do que ser antropólogo no Sul?

4. Algumas considerações

Com tudo isto que foi escrito, cabe a nós, cientistas sociais pensarmos a respeito deste processo de invisibilidade que aos poucos foi se infiltrando nos meios acadêmicos e, como afirmam Reesink e Campos (2011) “não encontrou entre nós da província resistência alguma”¹⁰, se instaurou nas narrativas que contam a história das Ciências Sociais no Brasil. Mas, por que estaria Thales desaparecendo como referência na Antropologia brasileira? Um dos primeiros a falar da própria realidade, como um baiano estudioso da Bahia, cujos estudos contribuíram de forma histórica, social e cultural à Antropologia nacional, aspectos apontados por Maria Izaura Pereira de Queiroz (1996). Mas, além de estudar a própria realidade, também estudou outras províncias, como afirma Gilberto Freyre:

(...) Thales de Azevedo é uma autoridade em estudos antropológicos e etnológicos do homem brasileiro e de seus múltiplos aspectos culturais. Escreve um livro sobre estudo sociológico das coisas riograndenses do sul a hoje, sendo a sua especialidade - que continua a medicina social - o seu maior entusiasmo. E é bom que a paisagem social do Rio Grande do Sul se apresente aos nossos olhos estudada com simpatia por um baiano tão de sua província como o sr. Thales de Azevedo. Bom que os provincianos, no Brasil, se estudem: os de umas províncias aos de outras¹¹.

Ler sua obra é ter acesso a uma bibliografia vasta, digna de quem “era um leitor compulsivo”¹², é ter contato com cientistas sociais nacionais e estrangeiros. É dialogar com Câmara Cascudo e seu vasto conhecimento sobre o folclore brasileiro, é interagir com a História, a poesia, a Literatura, a Medicina, etc. Tratar de temas tão inusitados mostra o quanto o autor foi corajoso e se abriu para o desconhecido, para reflexões até discriminadas para a época. Um dos primeiros a falar da praia, a mostrara diferença do olhar do pescador, do marinheiro, dos banhistas e da gente da cidade com relação ao mar. A praia como exibição do corpo e do *status*, de moda, como local que cura as doenças, das mudanças de costume e da moral no banho de mar e no uso das roupas de praia, sobretudo no caso da mulher. Thales antecipa subáreas que apareceram posteriormente na Antropologia: do corpo, da moda, das emoções. Através dos seus escritos, é possível voltar no tempo, sendo uma leitura deliciosa que nos faz reviver outras épocas quando, por exemplo, a praia era o lugar do piquenique familiar (Azevedo, 2004): “(...) como o cotidiano com o tempo se faz história, a memória faz a dimensão temporal dos dados sociais e culturais” (Azevedo, 2004: 27).

A Antropologia mostra que na simplicidade há complexidades, há sentidos, cujos significados o cientista social pode ter a sensibilidade para captá-lo, e assim, sabiamente, Azevedo o fez, suas lentes apreenderam o que muitos ainda não haviam sequer percebido. Trouxe para a Antropologia brasileira os ritos do afeto, escrevendo, em 1975, *As regras do namoro à antiga* onde descreve, através dos eventos presentes na sociedade de sua época, uma série de rituais praticados no Brasil.

O autor fala dos temas a partir da observação e da Literatura, da poesia, das cartas, das crônicas, dos estudos, dos artigos de jornais e de revistas, e é assim que ele vai apresentar os modos de ser brasileiro: “Tomando, pois, as instituições e procurando apreendê-las em suas configurações, em sua trama íntima e em seus processos de ajustamento aos desafios da existência, conseguimos aproximar-nos do núcleo dos costumes que explicam as peculiaridades de cada sociedade” (Azevedo, 2004: 76).

Mas, podemos nos perguntar: que lugar ocupou o

estudo dos rituais na obra de Thales de Azevedo, numa época em que as Ciências Sociais tinham outras preocupações? Diz-nos Mariza Peirano: “Em qualquer tempo e lugar a vida social é sempre marcada por rituais. Esta afirmação pode ser inesperada para muitos, porque tendemos a negar tanto a existência quanto a importância dos rituais na vida cotidiana” (Peirano, 2004: 7). E, de fato, foi isso que fez Thales de Azevedo, abordou os ritos do cotidiano de uma maneira diferente, mostrando o povo brasileiro através da maneira como se comportavam, através dos seus rituais.

Pode-se afirmar que Thales de Azevedo ocupa um lugar de destaque na Antropologia brasileira, na institucionalização desta disciplina, diferenciando-se pelo tipo de pesquisa que realizou. Complementando este raciocínio questiona Roberto DaMatta,

(...) quem iria considerar o namoro, os ciclos de vida ou a praia como algo sério e digno de um ensaio sociológico e antropológico? Se no exterior o projeto de uma autêntica Antropologia do mundo diário se forja com Durkheim, Mauss, Van Gennep, Boas, Kroeber, Mead, Malinowski, Warner e Hertz, no Brasil, tirando os nomes de Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Antônio Cândido, ainda há resistência a esses autores que enchem de dignidade e de sentido cotidianos humildes (DaMatta, 2004: 17).

Como bem argumenta DaMatta (2004), as Ciências Sociais não deram importância ao homem comum, as suas rotinas, a nuance do seu comportamento, como fez Thales. Falando do ritual do namoro ou do casamento, o autor procurava explicar os sistemas que envolviam tais instituições.

ANEXOS

Carta de Freud¹³

Viena, terça-feira, 29.1.1884

Querida Senhorita Bernays.

A princípio eu não pude entender o que poderia significar a solene apresentação de um cartão de visita de pelúcia vermelha (é pelúcia, não?) entre namorados já tão antigos como nós. Suspeitava de que ele contivesse alguma espécie de quebra-cabeças de figura, ou antes uma fotografia. Então tive a brilhante ideia de que podia ser um cartão com o nome (como os que se usam para marcar lugar em um banquete), ideia que vi confirmada depois de ler a sua carta. Aí então: uma Marta Bernays dourada em fundo vermelho! Gosto de olhar o nome, porém conheço outro melhor: a senhora Marta Freud seria mais belo para os meus olhos e ouvidos. Sua carta, Martinha, com a sabedoria sobre o amor e a vida, levantou enormemente meu ânimo; há muito não me sinto tão alegre e bem-disposto, e estou tão grato a você. Divertiu-me muito perceber como você está compenetrada na situação de noiva – tão profundamente que considera noivos todos os cavaleiros da Távola Redonda sem mais provas. Se você própria não estivesse ‘meio casada’, com a mesma boa vontade os consideraria todos sem compromissos. Sinto-me muito alegre hoje sem nenhuma outra razão que não a produzida pela sua carta, e tao disposto a falar e a de vez em quando fechar a sua boca com um beijo para calá-la.

Ora, eu nunca levei à casa dos Hammerschlags? Em muitas oportunidades pensei em fazê-lo, mas às vezes você não podia e no fim de contas as horas eram preciosas demais para que eu as partilhasse com alguém que não você. Você de modo algum ficou sem jeito na casa dos Brewers, ao contrário, foi muito expansiva e falou mais com eles do que comigo: não tem nada de que se censurar (...). Boa noite, meu terno amorzinho, você está sempre bem e ama sempre.

Seu Sigmund Não?

NOTAS

¹ Este projeto é coordenado pelas professoras Dr.^a Roberta Campos e Dr.^a Mísia Reesink do Núcleo de Estudos em Religiões Populares do programa de pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e financiado pelo programa PNPD da CAPES e pela FACEPE.

² Os livros consultados foram: *Sobre o pensamento antropológico*, organizado por Roberto Cardoso de Oliveira, de 1988; *História das Ciências Sociais no Brasil*, organizado por Miceli, em 1989; *As assim chamadas Ciências Sociais brasileiras*, organizado por P. Birman e H. Bomeny, em 1991; *O que ler na Ciência Social brasileira (1970-1995)*, organizado por Sergio Miceli, em 1991; *Uma Antropologia no plural*, de Peirano, de 1992; *O campo da Antropologia no Brasil*, organizado por Trajano Filho e Ribeiro, em 2004; e *Horizontes das Ciências Sociais brasileiras*, organizado por Martins e Duarte, em 2010.

³ Em ocasião de estar pesquisando na Bahia, pude conversar com a filha dele, Maria Brandão, antropóloga aposentada da UFBA que mencionou o quanto seu pai vem sendo esquecido nos meios acadêmicos do Brasil, inclusive na Bahia.

⁴ Segundo Brandão (2004), se pode contabilizar dez monografias, 200 artigos de periódicos e mais de 1400 crônicas escritas no jornal *A Tarde*, em Salvador. Os artigos de Thales de Azevedo escritos no jornal *A Tarde* estão digitalizados de 1960 a 1999 e se encontram no link <http://www.thalesdeazevedo.com.br/bibliografia.htm#21>. Consultado [05/05/2014].

⁵ Os ensaios *As regras do namoro à antiga*, *A praia: espaço de sociabilidade*, e *Ciclos da vida: ritos e ritmos* foram condensados em uma coletânea intitulada *O cotidiano e seus ritos. Praia, namoro e ciclos da vida*. Thales de Azevedo, editado pela Fundação Joaquim Nabuco, pela Editora Massangana.

⁶ Segundo Brandão (2004), o tema do namoro vai ser trabalhado pelo autor até 1986.

⁷ Ver anexo 1, carta de Freud à namorada.

⁸ O autor explica que antes eram comuns os casamentos entre primos como uma forma de estar com alguém que possuísse os mesmos padrões sociais. Apesar disto ser cada vez menos comum, descreve que em algumas comunidades no sul do Brasil onde há descendência alemã, italiana, ainda é um costume frequente.

⁹ No livro *Povoamento da cidade de Salvador (1969)*, o autor vai falar dos conventos desta cidade e deste costume que perdurou até meados do século XX.

¹⁰ Segundo as autoras, a exceção seria Roberto Motta que vem pregando sozinho no deserto através de ações (criação do mestrado em Antropologia da UFPE; reuniões da ABA Norte/Nordeste) e de publicação de artigos (Reesink & Campos, 2011: 2).

¹¹ Acervo do depoimento <http://www.thalesdeazevedo.com.br/bibliografia.htm#2>

¹² Palavras de Maria Brandão durante entrevista para se referir ao pai.

¹³ Freud (1982) em Brandão, 2004: 131-132.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, T. (1993). "O casamento no Brasil, instituição e rito. Sumário, indicações para a pesquisa social". *Sitientibus* (11), Feira de Santana.

AZEVEDO, T. (1994). "Romantismo e realismo do namoro à antiga". *A Tarde*. Salvador, 21 de janeiro.

AZEVEDO, T. (2004). "As regras do namoro à antiga". Em: *O cotidiano e seus ritos. Praia, namoro e ciclos da vida*. Thales de Azevedo. 1ª ed. Recife: Massangana. pp. 69-246.

BIRMAN, P. e BOMENY, H. (orgs.). (1991). *As assim chamadas Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: UERJ/Relume Dumará.

BRANDÃO, Maria de Azevedo. (1993). *Thales de Azevedo. Dados de uma assinatura*. Salvador: EDUFBA. vol. 1.

BRANDÃO, Maria de Azevedo. (2004) O cotidiano na obra de Thales de Azevedo. Em: *O cotidiano e seus ritos. Praia, namoro e ciclos da vida*. Thales de Azevedo. 1ª ed. Recife: Massangana. pp.327-352.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. (1988). *Sobre o pensamento antropológico*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. vol. 1.

CORRÊA, Mariza. (1987). *História da Antropologia no Brasil (1930-1960)*. Testemunhos: Emílio Willems e Donald Pierson. Campinas: Editora da Unicamp/Editora Vértice.

DAMATTA, R. (2004). Desfamiliarizando o familiar. Em: BRANDÃO, Maria de Azevedo. *O cotidiano e seus ritos. Praia, namoro e ciclos da vida*. Thales de Azevedo. 1ª ed. Recife: Massangana. pp. 15-22.

DOUGLAS, Mary. (1966). *Pureza e perigo*. São Paulo: Perspectiva.

DURKHEIM, E. (2003). *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FREYRE, G. (1940). Em louvor de mestre Thales de Azevedo. *Universitas. Revista de Cultura da Universidade Federal da Bahia* (6-7), Bahia.

FREYRE, G. (1984). Prefácio. Em: AZEVEDO, Thales de. *As Ciências Sociais na Bahia*. 2ª ed. Salvador: Fundação Cultural Estado da Bahia.

MARTINS, Carlos B. e DUARTE, Luis F. D. (eds.). (2010). *Horizontes das Ciências Sociais – Antropologia*. São Paulo:

ANPOCS/Editora Bacarolla.

MAUSS, M. (1970). *Lo sagrado y lo profano*. Obras I. Paris: Minuit.

MICELI, Sergio (org.). (1989). *História das Ciências Sociais no Brasil*. São Paulo: Vértice/Editora Revista dos Tribunais/ IDESP. vol. 1.

MICELI, Sergio. (1995). *História das Ciências Sociais no Brasil*. São Paulo: Editora Sumaré/FAPESP. vol. 2.

MICELI, Sergio. (1999). *O que ler na ciência social brasileira (1970-1995)*. São Paulo: Editora Sumaré/ANPOCS. vols. 1, 2 e 3.

MICELI, Sergio. (2002). *O que ler na Ciência Social brasileira (1970-2002)*. São Paulo: Editora Sumaré/ANPOCS. vol. 4.

PEIRANO, Mariza. (1992). *Uma Antropologia no plural: três experiências contemporâneas*. Brasília: Editora UnB.

QUEIROZ, Maria Laura Pereira de. (1996). Uma abordagem antropológica de valor no Brasil. A contribuição de Thales de Azevedo. *Cadernos CERU* (7), São Paulo.

REESINK, M; CAMPOS, R. (1991). A geopolítica acadêmica da Antropologia da Religião no Brasil ou como a província vem sendo submetida ao leito de Procusto. *Atas do XII Congresso da Associação Brasileira de Antropologia do Norte Nordeste*, Boa Vista.

TRAJANO FILHO, W. e RIBEIRO, G. (2004). *O campo da Antropologia no Brasil*. Contra Capa/ABA.

TURNER, V. (1974). *O processo ritual. Estrutura e anti-estrutura*. Petrópolis: Vozes.